

As nasais no Crioulo da Guiné-Bissau: um olhar à luz da fonologia moderna

Paula Mendes COSTA¹

Resumo: Este trabalho objetiva descrever o comportamento das nasais no Crioulo da Guiné-Bissau (CGB) considerando os fenômenos fonológicos que as envolvem e justifica-se pelo fato de não haver na literatura um consenso estabelecido quanto à interpretação desses segmentos. Ele se inscreve nos estudos crioulisticos de base sincrônica, apoiando-se inicialmente na abordagem estruturalista norte-americana e, para análises mais aprofundadas, em arcabouço teórico mais moderno, fornecido pela fonologia pós-gerativa, constante em Goldsmith (1995), Clements (1995), entre outros. O CGB integra a família linguística dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné, da qual também fazem parte o crioulo caboverdiano e o crioulo de Casamansa. Assim, o CGB resulta do contato entre o português e as línguas africanas (família Níger-Congo) faladas na Guiné-Bissau. Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado (2014) da autora e a metodologia adotada para sua realização contemplou a coleta de dados sonoros junto a 5 estudantes guineenses vinculados à UFPE, sua transcrição fonética, análise e verificação acústica dos dados e comparação dos resultados com a literatura. Os resultados encontrados indicaram que: (1) em posição de ataque silábico, a nasal do CGB é semelhante à do português europeu; (2) em interior de palavra a nasal seria coda; e (3) em posição de coda e em início de palavra, a nasal é silábica e corresponde fonologicamente a um arquifonema. Assim, de acordo com o que foi verificado, não precisaríamos considerar a existência de pré-nasalizadas no Crioulo da Guiné Bissau.

Palavras-chave: Nasais; crioulo da Guiné-Bissau; fonologia moderna.

Résumé: Ce travail-ci a le but de décrire le comportement des nasales du Créole de Guinée-Bissau (CGB) en considérant les phénomènes phonologiques relationés et il se justifie pour le fait de ne pas avoir dans la littérature une seule opinion à respect des nasales. On peut dire que ce travail correspond à une étude créoliste synchrone basée tout d'abord sur l'approche structuraliste nord-américaine et de plus, pour arriver à des interprétations plus approfondies, sur théories plus modernes comme celles-là conçues par la phonologie post générative de Goldsmith (1995), Clements (1995), etc. Le CGB fait partie de la famille linguistique des créoles à base lexicale portugaise de l'Alta Guinée dont le créole capverdien et le créole casamançais font partie aussi. Ce travail fait partie de la dissertation de Master de l'auteur (2014) et pour réaliser cette étude on a rassemblé des informations de la recherche avec cinq étudiants Bissau guinéens de l'UFPE, on a fait leur transcription phonétique, une analyse acoustique des informations et on a comparé les résultats avec ce qui avait déjà dans la littérature. À partir la recherche réalisée on a conclu que : (1) en position d'attaque la nasale du CGB est très proche de celle-là du portugais européen ; (2) à l'intérieur de mot la nasale est coda ; et (3) en position de coda et en début de mot la nasale est syllabique et correspond fonologiquement à un archiphonème. Donc on ne considère pas l'existence des pré-nasalisés dans de Créole de Guinée-Bissau.

Mots-clés: Nasales ; Créole de Guinée-Bissau ; Fonologie Moderne.

¹ Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife-PE. paulamc06@gmail.com.

Introdução

Esse trabalho desenvolve a descrição do comportamento das nasais no Crioulo da Guiné-Bissau (crioulo guineense ou Kriyol)² considerando os fenômenos fonológicos que as envolvem. O Crioulo da Guiné-Bissau (CGB) corresponde a uma língua cuja formação remonta aos séculos XV (quando os portugueses chegaram à Guiné-Bissau, em 1446) e XVI (quando os portugueses iniciaram o comércio de escravos e fundaram Cachéu, primeira povoação portuguesa, em 1588). É importante destacar, também, que o CGB integra a família linguística dos crioulos de base lexical portuguesa da Alta Guiné (CAG), da qual também fazem parte o Crioulo Caboverdiano (ou Kabuverdianu) e o crioulo de Casamansa.

A Guiné-Bissau corresponde a um país com uma dimensão territorial de aproximadamente 36.125Km² e está situado na costa ocidental do continente africano. É banhado a oeste pelo oceano Atlântico e estabelece fronteira com o Senegal (a norte) e com a Guiné (a leste e a sul), apresentando uma população total estimada em aproximadamente 1.416.027 habitantes (2005), segundo coloca Embaló (2008). Seu mosaico linguístico compreende um total de 22 línguas, das quais 21 constituem línguas vivas e uma corresponde a uma língua segunda (L2), sem configurar-se como língua-materna (COUTO, 1994).

Assim, o crioulo guineense é uma língua que resulta do contato entre o português (língua de superestrato ou lexificadora) e as diversas línguas africanas (línguas de substrato) faladas na Guiné-Bissau, todas pertencentes à família Níger-Congo, nomeadamente aos grupos Mande e Atlântico, conforme atestam Hagemeyer e Alexandre (2010).

A língua oficial do país é o Português, língua de ensino e de comunicação utilizada no âmbito internacional. Entretanto, se a língua

² É importante esclarecer que a variante do crioulo guineense descrita no presente trabalho trata-se de uma variante mais próxima do português e, em certa medida, de uma manifestação mais culta da língua, visto que todos os informantes cursam nível superior. Assim, ao longo desse trabalho, as referências ao crioulo guineense ora descrito dizem respeito a essa variante específica. Ressalta-se, ainda, que o critério aqui utilizado para concepção de falante "culto" é semelhante ao do Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), que considera "culto" o indivíduo com ensino superior completo. Nesse trabalho, compreende-se que os falantes que serviram como sujeitos da pesquisa, por compartilharem as vivências no âmbito acadêmico de ensino superior, aproximam-se, então, desse padrão de "culto".

portuguesa é a língua oficial, esta corresponde à língua materna apenas de uma pequeníssima porcentagem dos guineenses e não se configura como a língua de comunicação nacional. Nesse cenário, é o crioulo que surge como língua franca, sendo utilizado na comunicação quotidiana, em alguns discursos oficiais, em instituições públicas e em debates promovidos pela Assembleia Nacional. Desse modo, é ao crioulo guineense que é concebido o estatuto de língua da unidade nacional (ou língua nacional).

Torna-se evidente, então, a relevância que o crioulo guineense apresenta no tocante à conjuntura sócio-linguístico-cultural da Guiné-Bissau. Mesmo assim, Scantamburlo (1981) afirma que esta é uma das línguas crioulas menos estudadas, assertiva que anos mais tarde seria reiterada por Couto (2009). Ainda de acordo com Scantamburlo (1981), no tempo colonial, essa língua foi desprezada como “língua portuguesa mal falada” e seu uso era proibido nas cerimônias públicas. Após a Independência de setembro de 1973, a língua crioula foi reconhecida como língua nacional e hoje é a mais falada pelo povo e compreendida pela maioria, tendo sua importância como língua independente e autônoma cada vez mais assegurada.

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado (2014) da autora intitulada **Descrição Fonológica do crioulo guineense** e, para a sua realização, foram considerados estudos anteriores acerca das nasais no CGB, como os de Mbodj (1979), Kihm (1986) e Couto (1994; 1996), e trabalhos que apresentam análises fonológicas das nasais no crioulo caboverdiano, semelhante em alguns aspectos ao CGB, como os de Couto e Souza (2004), Lang (2000; 2007) e Quint (2006). Salienta-se que, nesta literatura, ocorrem algumas divergências na interpretação de fenômenos que envolvem as nasais, como no caso das consoantes denominadas pré-nasalizadas³.

³ Dentre alguns exemplos de consoantes ditas pré-nasalizadas estão /mb/, /nd/, /ɲtʃ/ e /ŋg/, estando todas essas presentes no crioulo da Guiné-Bissau.

Também foram utilizados trabalhos sobre a fonologia segmental de línguas crioulas de um modo geral e de crioulos de base lexical portuguesa, como os de Parkvall (2012), Couto (1996), Pereira (2007), Embaló (2008), Lang (2007) e Kihm (1994).

A metodologia adotada para a realização da pesquisa contemplou a coleta de dados sonoros pela própria pesquisadora⁴ junto a 5 estudantes guineenses de ambos os sexos⁵ (2 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, todos apresentando entre 20 e 30 anos) vinculados à UFPE através de programas de intercâmbio, sua transcrição fonética (aproximadamente 22 horas de gravação digital), análise e verificação acústica dos dados através do programa *PRAAT*⁶ e comparação dos resultados com a literatura.

Finalmente, é importante mencionar que este trabalho se inscreve nos estudos crioulísticos de base sincrônica, apoiando-se inicialmente na abordagem estruturalista norte-americana, através do uso das técnicas da linguística distribucional. Para alcançar interpretações mais profundas, apoia-se na Fonologia pós-gerativa, constante em Goldsmith (1995), Clements (1995), entre outros.

As nasais e o Crioulo da Guiné-Bissau

Para discorrer a respeito do comportamento das nasais no crioulo guineense, faz-se necessário proceder a algumas reflexões. Inicialmente, deve-se destacar que, na literatura, há divergências quanto à interpretação das nasais, divergências estas que contemplam tanto estudos anteriores acerca das nasais no Crioulo da Guiné-Bissau (CGB), como os de Mbodj (1979), Kihm (1986) e Couto (1994; 1996), quanto

⁴ Para realização da coleta dos dados a pesquisadora realizou junto aos informantes eliciações a partir de listas de palavras e frases pré-selecionadas por meio de uma revisão da literatura, gravação de conversas informais em crioulo e aplicação de questionário sociocultural. O *corpus* a partir do qual a pesquisadora realizou o presente estudo compreende um total aproximado de 22h de gravação.

⁵ A coleta de dados junto a informantes de ambos os sexos objetivou possibilitar a verificação de variações na fala dos informantes. Para essa pesquisa, no entanto, essa variável (sexo) não foi considerada determinante na medida em que não influenciava no fenômeno observado.

⁶ O programa *PRAAT* encontra-se disponível para download em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html>. Acessado em 05 de maio de 2015.

trabalhos que apresentam análises fonológicas das nasais no crioulo caboverdiano, semelhante em alguns aspectos ao CGB, como os de Couto e Souza (2004), Lang (2000; 2007) e Quint (2006).

Desse modo, no que concerne às nasais, a ausência de consenso quanto à interpretação de fenômenos que as envolvem muitas vezes diz respeito às já mencionadas consoantes “pré-nasalizadas”⁷. Segundo Parkvall (2012):

Essa série fonêmica é, translinguisticamente, bastante incomum. Bem representada principalmente na África (onde uma de cada quatro línguas níger-kordofanianas a tem, em oposição à média mundial, que é de uma para dez línguas, segundo Ruhlen, 1976, p.154), também ocorre no *hakka* e em certas línguas sul-americanas e melanésias [...]. Das línguas representadas na base de dados UPSID, quase 12% são caracterizadas pela presença de oclusivas pré-nasalizadas, ao passo que menos de 2% (principalmente línguas africanas) também têm fricativas pré-nasalizadas. Em nível fonético, as oclusivas pré-nasalizadas são bem mais comuns. [...] As línguas africanas que têm oclusivas pré-nasalizadas são bastante numerosas nas famílias atlântica e mande, porém não há nenhuma delas nas famílias kru, kwa ou delto-benuica. [...] De acordo com Rougé (1988, p.14), as línguas da Guiné-Bissau – substratos relevantes para os [Crioulos Portugueses] da Guiné-Bissau – têm todas oclusivas pré-nasalizadas (PARKVALL, 2012, p.87-8).

Então, verifica-se que, em línguas de substrato, há uma presença considerável de segmentos pré-nasalizados. No crioulo, no entanto, é importante estar atento a determinados fatores antes de se considerar a existência de tais segmentos. Algumas análises a respeito das consoantes “pré-nasalizadas” do caboverdiano, por exemplo, contemplam uma interpretação monofonemática⁸, que afirma que a nasal corresponde a um segmento de contorno, como atestam autores como Quint (2006) e Lang (2007), e outras, uma interpretação bifonemática⁹ como supõem Kihn (1986) e Couto e Souza (2004).

⁷ Vários autores fazem referência às “pré-nasalizadas” ao tratar do crioulo guineense. Wilson (1962) afirma que há uma combinação de dois fonemas; Mbodj (1979) menciona a existência de complexos pré-nasalizados; Scantamburlo (1981) não faz referência direta às pré-nasalizadas, mas sugere que elas não são fonemas independentes; Rougé (1988) considera a existência de pré-nasalizadas no crioulo, mas não é clara a interpretação que ele atribui às mesmas; Couto (1994) faz considerações relevantes acerca das pré-nasalizadas e parece não considerá-las como fonemas da língua.

⁸ A nasal e a consoante formam um único segmento.

⁹ Sequência Nasal + Consoante, havendo, portanto, dois segmentos. Assim, considerando-se em crioulo guineense a sequência [m'bij] “eu vou”, haveria a interpretação monofonemática que

No guineense, tal qual no caboverdiano, também aparecem em larga escala (e em sua maior parte nas mesmas situações contextuais que no caboverdiano) as consoantes ditas “pré-nasalizadas”, sendo importante observar para o CGB, portanto, qual interpretação para o fenômeno seria a mais plausível tendo em vista os dados analisados.

No crioulo da Guiné-Bissau as vogais nasais não são fonológicas e as consoantes, que contemplam os segmentos /m, n, ɲ, ŋ/, podem aparecer em posição de ataque (onset) ou coda silábica. Em onset, as nasais apresentam um comportamento semelhante ao do português europeu e várias vezes não nasalizam a vogal da sílaba precedente (o que não é aplicável a todas as variedades da língua). Alguns exemplos são:

- (1) [ma'sãŋ] 'maçã'
- (2) ['sɔlna'noti] 'anoitecer'
- (3) ['paɲa'rajba] 'enraivecer'
- (4) ['muŋi] 'abaixar-se'.

Em coda, a nasal tem ponto subespecificado e é realizada em meio de palavra, assimilando o ponto da consoante seguinte (arquifonema). Couto (1994) também propõe uma regra de assimilação da consoante nasal, a qual é exposta da seguinte forma: “a consoante nasal pós-vocálica ou de início de enunciado se assimila à consoante seguinte quanto ao ponto de articulação” (COUTO, 1994, p.71).

Desse modo, o arquifonema /N/ realiza-se como [m] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento bilabial, isto é, apresentar [p, b] em posição de ataque; como [n] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento alveolar, isto é, apresentar [t, d, s, z, r] em posição de ataque¹⁰; como [ɲ] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento palatal, ou seja, [tʃ, dʒ]; e como [ŋ] se a sílaba seguinte à sua realização iniciar com segmento velar, isto é, apresentar [k, g] em posição de ataque. Assim, alguns exemplos ilustrativos desse

consideraria [mb] um único segmento (sendo [m] apenas um segmento de contorno), e a bifonemática que enxergaria [m] e [b] como dois segmentos.

¹⁰ Não foram identificados casos de realização da nasal alveolar [n] em posição de coda silábica diante de sílaba iniciada por [l].

processo de assimilação do ponto de articulação da consoante nasal em coda e em meio de palavra são apresentados abaixo:

(5) ['kamp_o] - /kaNpu/ "campo"

(6) ['ind_e] ~ ['ĩnd_e] - /iNda/ "ainda"

(7) ['sã_{ntʃ}o] - /saNtʃu/ "macaco"

(8) [nĩŋ'gĩŋ] - /niNgiN/ "ninguém"

Deve-se salientar que a vogal que antecede a nasal tem nasalização opcional (independente da tonicidade da sílaba), isto é, pode assimilar o traço de nasalidade da nasal, o que em grande parte das vezes não implica o seu apagamento. Nesse contexto, o fone nasal velar [ŋ] quase sempre tem seu traço de nasalidade assimilado pela vogal tautossilábica, e, em final de palavra, a assimilação do traço nasal pela vogal sempre ocorre.

Em fim de palavra, a consoante nasal na maioria das vezes nasaliza a vogal precedente e é realizada como uma soltura retardada velar ([ŋ]):

(9) ['sã^o] - /saN/ "são"

(10) ['põ^o] - /poN/ "pão"

Às vezes a nasal não é realizada em sílaba inicial, normalmente em palavras derivadas do português iniciando com a estrutura Vogal + Nasal. Deve-se observar que a consoante nasal não sonoriza o segmento seguinte, como evidenciado abaixo:

(11) ['kamp_o] - /kaNpu/ "campo"

(12) ['brã_ŋko] - /braNku/ "branco"

(13) ['kontr_e] - /koNtra/ "encontrar"

Dessa forma, paralelamente a todos os aspectos acima mencionados, acrescenta-se o fato de que, no espectrograma, é possível visualizar bem a realização da consoante nasal em coda medial, não havendo razão aparente para considerá-lo uma pré-nasalização. A fim de ilustrar essa assertiva, os espectrogramas das palavras "cansar" e "honra" são apresentados na sequência e a produção da consoante nasal aparece destacada em vermelho:

(14) ['kansɐ] - /kaNsa/ "cansar"

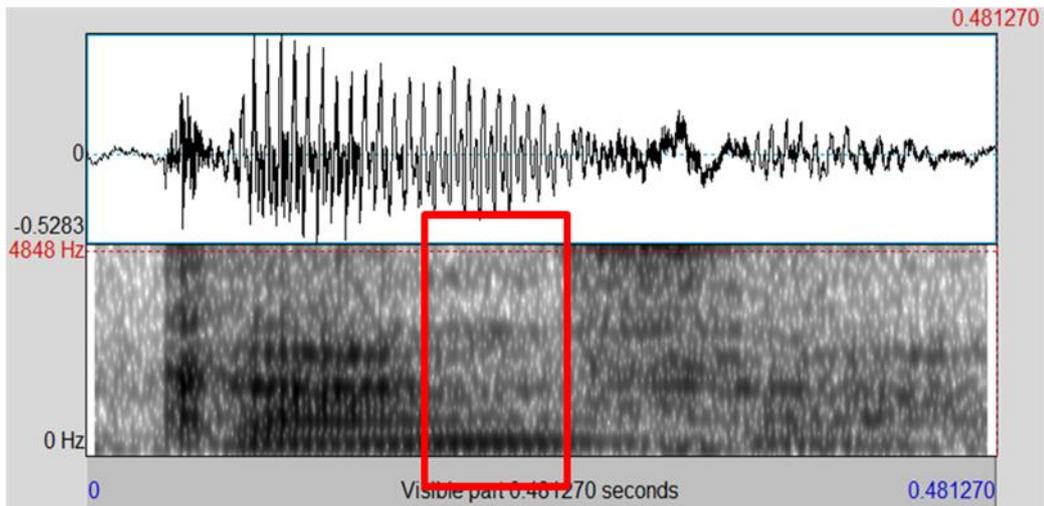


Figura 1: Espectrograma da palavra "cansar"

(15) ['onrɐ] - /oNra/ "honra"

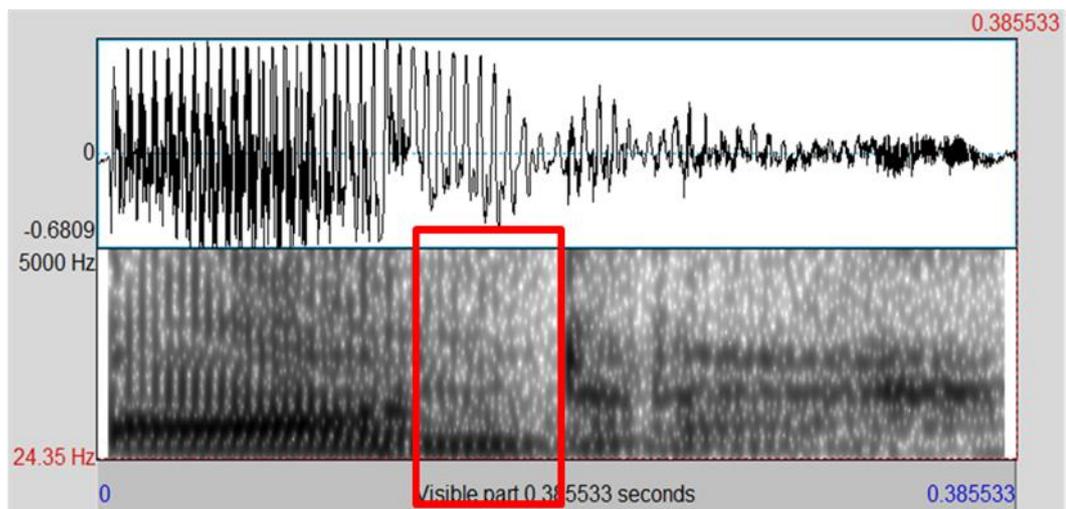
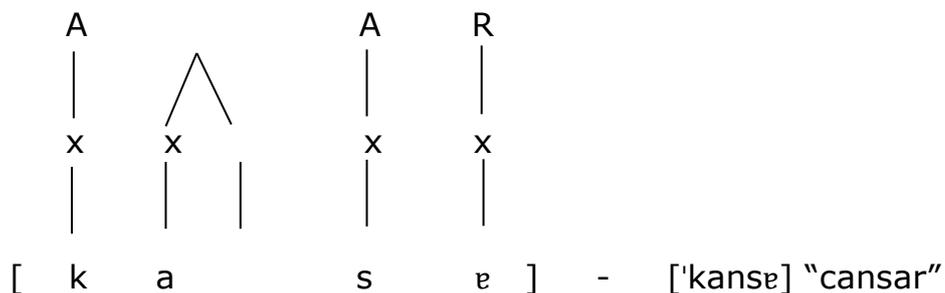


Figura 2: Espectrograma da palavra "honra"

Assim, a representação silábica da consoante nasal em coda no meio (ou no fim) da palavra seria a que segue:

(16) ['kansɐ] - /kaNsa/ "cansar"





No que se refere à ocorrência de consoante nasal em início de palavra antecedendo outra consoante, pode-se afirmar que há, inicialmente, duas estruturas possíveis a serem consideradas. A primeira delas diz respeito à nasal lexical, muitas vezes resultado da perda da vogal inicial do português, a exemplo de:

(17) [m'bakɐ] - /Nbaka/ "embarcar"

(18) [n'fɛrnɔ] - /Nfɛrnu/ "inferno"

A segunda estrutura possível corresponde à nasal morfológica – o {N-} –, utilizada na marcação de 1ª pessoa do singular. Em ambos os casos, a nasal também assume o ponto de articulação da consoante seguinte e, nesse último, trata-se de um morfema nasal subspecificado, o {N-}. Alguns exemplos são:

(19) [m'baɣ] - /N bai/ "eu fui"

(20) [n'sibɪ] - /N sibi/ "eu sei"

(21) [n'tʃɔɐ] - /N tʃɔra/ "eu chorei"

(22) [ŋ'kumprɐ] ~ [ŋ'kũmprɐ] - /N kuNpra/ "eu comprei"

Em posição inicial, verificou-se também que a nasal não é vocalizada e tem tempo e amplitude de vogal. Além disso, ela é normalmente produzida com o tempo de um segmento e não sonoriza a consoante seguinte, corroborando a ideia de não formar um contorno com a consoante subsequente.

A realização da nasal é bem audível e verificável no espectrograma como um segmento per si, como pode ser observado abaixo nas

produções relativas a “embarcar”, “eu fui” e “eu chorei”, em que o segmento nasal aparece destacado em vermelho:

(23) [m'barke] - /Nbarka/ “embarcar”

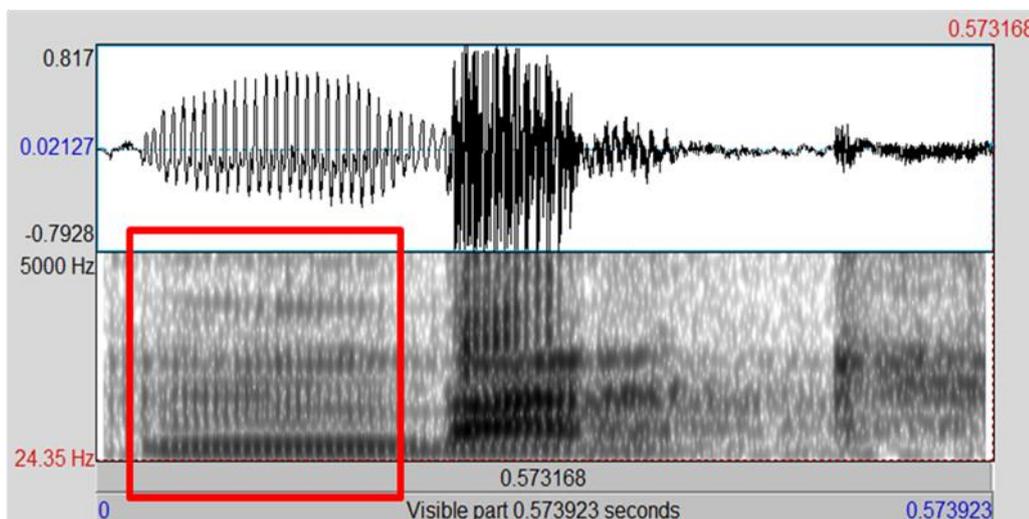


Figura 3: Espectrograma da palavra “embarcar”

(24) [m'bai] - /N bai/ “eu fui”

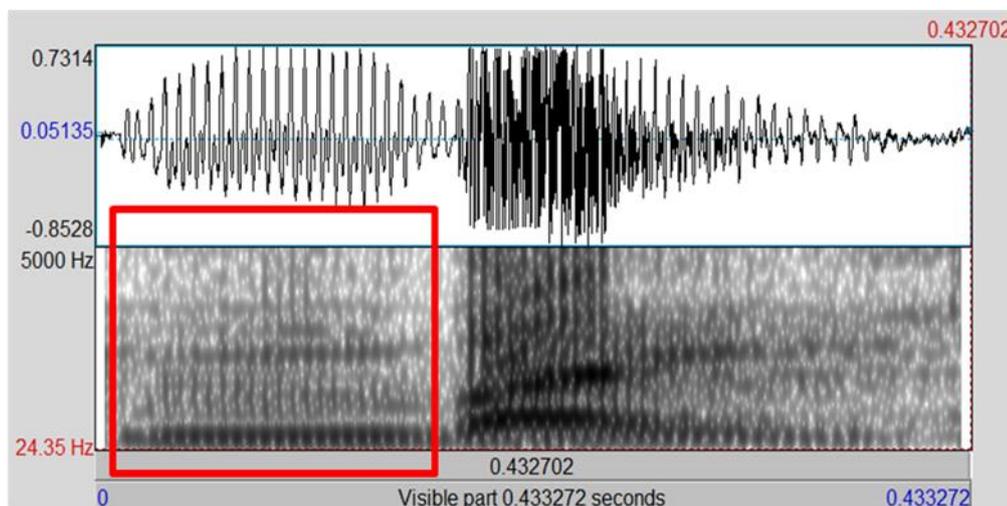


Figura 4: Espectrograma do enunciado “eu fui”

(25) [n'tʃɔre] - /N tʃɔra/ “eu chorei”

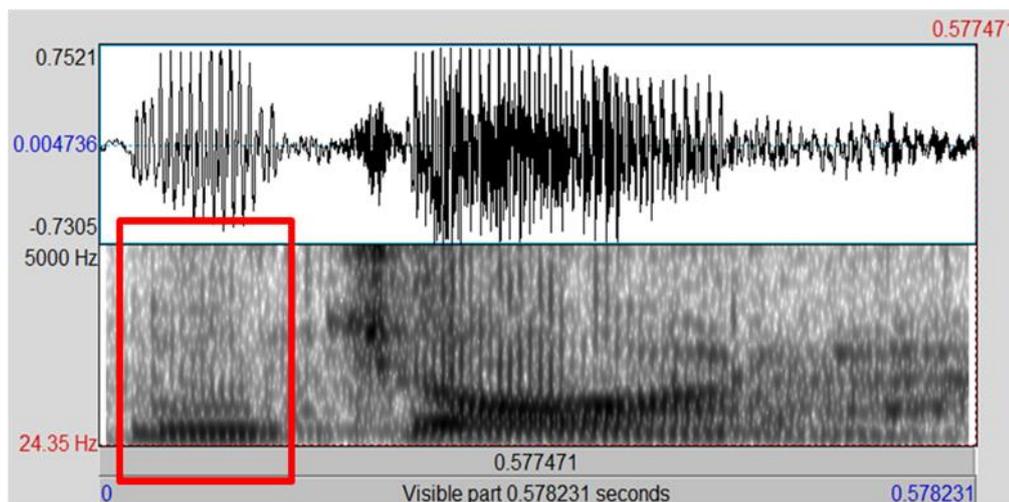
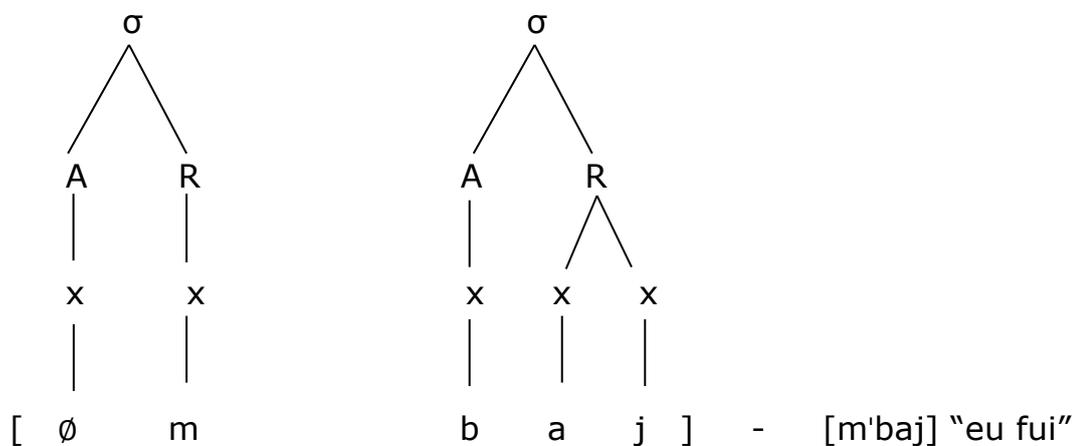


Figura 5: Espectrograma do enunciado "eu chorei"

Quanto à representação silábica da consoante nasal no início da palavra, considerou-se no presente trabalho o que segue:

(26) [m'bai] - /N bai/ "eu fui"



Verifica-se na representação acima a consoante nasal constituindo uma sílaba sozinha, o que corrobora a ideia de que este segmento não seria um segmento de contorno.

Reflexões finais

Desse modo, tendo em vista a análise dos dados e a verificação acústica realizadas, acredita-se que a nasal é silábica no crioulo guineense, e não uma pré-nasalização.

Couto (1994, p.71) parece ter uma opinião relativamente semelhante a essa ao afirmar que a consoante nasal tem valor silábico quando, em início de enunciado, não pode constituir um complexo fonético pré-nasalizado único. O autor coloca, também, que, no crioulo, as oclusivas pré-nasalizadas das línguas africanas foram reinterpretadas, e [mb, nd, ng], por exemplo, deixaram de ser /^mb, ⁿd, ^ŋg/ para virar /ŋ + b, ŋ + d, ŋ + g/. Segundo ele, essa fonologização do elemento pré-nasal teria sua origem na influência do português, que não possui consoantes pré-nasalizadas.

Por sua vez, Parkvall (2012) faz algumas considerações relevantes ao tratar das dificuldades para se determinar o status de uma nasal inicial seguida de oclusiva. Para o autor:

Um sério problema, ao determinar o status de uma nasal inicial seguida por uma oclusiva, é que as nasais são aceitas como núcleos silábicos num grande número de línguas. Uma sequência [#NC-] poderia, portanto, ser analisada como [#N\$C-] ou como [#NC-] dependendo da fonotática da língua em questão. Tem-se dito que as nasais são silábicas pelo menos [em um número considerável de línguas africanas], incluindo a maioria das línguas da Baixa Guiné, mas em poucas línguas bantas ou da Alta Guiné. Portanto, mesmo quando ocorre em posição inicial de palavra, /NC-/ não precisa representar um fonema pré-nasalizado (PARKVALL, 2012, p.90-1).

Assim, sumariando, pode-se afirmar que: (1) em posição de onset, a nasal é semelhante ao português europeu e não nasaliza a vogal precedente (em coda, pode nasalizar ou não); (2) conforme comprovam a análise dos dados e a verificação acústica dos mesmos, em interior de palavra a nasal seria coda, e não uma pré-nasalização; (3) a nasal pode ser lexical ou morfema de primeira pessoa do singular (1ªp.s.) em início de palavra; (4) em posição de coda silábica e em início de palavra, a nasal corresponde fonologicamente a um arquifonema que pode se realizar foneticamente como [m, n, ŋ, ŋ]; (5) conforme comprovam as análises dos dados realizadas, a nasal é silábica e não uma pré-nasalização; (6)

Não precisaríamos considerar a existência de pré-nasalizadas no Crioulo da Guiné Bissau.

REFERÊNCIAS

CLEMENTS, G N.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

COSTA, P. M. **Descrição Fonológica do crioulo guineense**. 2014. 242 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

COUTO, H. H. do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

_____. **O Crioulo Português da Guiné Bissau**. Hamburg: Buske, 1994.

_____. Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau. **Papia**, Brasília, n. 19, p.69-79, 2009.

COUTO, H. H. do; SOUZA, U. R. de. As consoantes pré-nasalizadas do crioulo caboverdiano: por uma interpretação bifonemática, In: LANG, J. *et al.* (eds.). **Cabo Verde: origens da sua sociedade e do seu crioulo**. Tübingen: Narr, 2004. p. 133-146.

EMBALÓ, F. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **Papia**, Brasília, v. 8, n. 2, p.101-107, 2008.

GOLDSMITH, J. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

HAGEMEIJER, T.; ALEXANDRE, N. Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintáctica. **Línguas Crioulas de Base Portuguesa na África**, Lisboa, v. 42, n. 4, p.1-17, 2010.

KIHM, A. **Kriyol Syntax: the Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1994.

_____. Nasality in kriol: the marked case?. **Journal of pidgin and creole languages**, v. 1, p. 81-107, 1986.

LANG, J. **Gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)**. Tübingen: 2000.

_____. **O problema da nasalidade no crioulo de Santiago (Cabo Verde): uma resposta**. Tübingen: Narr, 2007.

MBODJ, C. **Phonologie du créole de Guinée-Bissau**. n. 74. Dakar: Centre de Linguistique Appliquée de Dakar, 1979.

PARKVALL, M. **Da África para o Atlântico**. trad. Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

PEREIRA, D. **Crioulos de base lexical portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2007.

QUINT, N. Un bref aperçu des racines africaines de la langue capverdienne. In: LANG, J.; HOLM, J.; ROUGÉ, J.; SOARES, M. J. (eds.). **Cabo Verde: origens da sua sociedade e do seu crioulo**. Tübingen: Narr, 2006. p. 75-90.

ROUGÉ, J. **Petit dictionnaire étymologique du kriol de Guinée Bissau et de Casamance**. Bissau : INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa), 1988.

SCANTAMBURLO, L. **Gramática e dicionário da língua Criol da Guiné-Bissau (GCr)**. Bologna: Editrice Missionária Italiana, 1981.

WILSON, A. W. **The Crioulo of Guiné.** Johannesburg: Witwatersant University Press, 1962.